



REPORTAGEM DE CAPA

NAS MÃOS DE MAIA

A AUTORIZAÇÃO PARA JULGAR O PRESIDENTE ILEGÍTIMO POR CORRUPÇÃO SERÁ VOTADA SOB SUSPEITA DE COMÉRCIO DE VOTOS ENQUANTO OUTRAS NEGOCIATAS CORREM EM SILENCIO NO PAÍS. E PODE SOBRAR PARA O PRESIDENTE DA CÂMARA

por ANDRÉ BARROCAL



BETO BARATA/PR



REPORTAGEM DE CAPA

Q

uando abriu o Palácio do Jaburu na calada da noite de 7 de março ao empresário Joesley Batista, Michel Temer começou a cair em desgraça. O encontro e seus desdobramentos fizaram dele o primeiro presidente brasileiro denunciado à Justiça por cometer crime no cargo, uma vergonha para o amante das mesóclises e maior ainda para o País. Logo no início daquela conversa fatal, o peemedebista reclamou da vida dura que a oposição lhe dava e do conformismo dos que viram “golpe” na chegada dele ao poder. “Ainda bem que tenho o apoio do Congresso”, comentou com Joesley, o oculto gravador do papo. “Se eu não tenho o apoio do Congresso, eu tô ferrado.”

O apoio do qual o mandatário se gabou será testado para valer daqui em diante, especificamente na Câmara. Para o Supremo Tribunal Federal julgá-lo por crime comum, é preciso autorização de dois terços dos deputados, 342 excelências. Como não há vice-presidente desde a derrubada de Dilma Rousseff, a decisão da Câmara terá uma faceta curiosa. O homem que comanda a Casa e conduzirá a votação, Rodrigo Maia, do DEM, é interessado direto no desfecho da crise. Se os deputados derem sinal verde para o STF processar Temer e este for convertido em réu, Maia, o “Botafogo” da lista de alcunhas da Odebrecht, será presidente da República por até seis meses, tempo máximo para uma sentença da Corte nesse gênero de caso.

Aliado do Palácio do Planalto, genro de um íntimo auxiliar do peemedebista, o secretário-geral da Presidência, Moreira Franco, Maia tem sido leal ao presidente. Recebeu uma enxurrada de pedidos de *impeachment* desde o estouro do escândalo da Fribor e manteve tudo na gaveta. Autora de um dos pedidos, a Ordem dos Advogados do Brasil cobra

dele a urgente instauração do processo. Maia, diz Carlos Lamacchia, presidente da OAB, age com “cinismo, como se nada estivesse acontecendo no País”, uma “muralha de proteção a aliados políticos investigados”. Na Câmara, há quem veja malandragem de Maia. Ele já teria sido picado pela mosca azul, um político de 53 mil votos na última eleição prestes a chegar a chefe da nação, mas seria melhor não melindrar Temer, para não ter o PMDB como inimigo, caso o poder caia em seu colo via STF.

Gestos sutis de disposição para herdar a faixa presidencial não faltam. A residência oficial viu um desfile de figurões nos últimos dias, como o prefeito de São Paulo, o tucano João Doria Junior, e o do Rio, o crente Marcelo Crivella. Doria comentou depois que a situação de Temer é “gravíssima”,



Este provocou o big-bang

DISSE MAIA AOS EMPRESÁRIOS PAULISTAS: “A AGENDA DA CÂMARA, EM SINTONIA COM A DO PRESIDENTE, TEM COMO FOCO O MERCADO”

O SATÂNICO DOUTOR TEMER

Um dia após ser acusado perante o STF, Michel Temer fez seu terceiro pronunciamento sobre o escândalo da Fribor. Foi o mais cômico, e não apenas por causa das figurações ao lado dele no Palácio do Planalto. Um verdadeiro *stand up comedy*. O presidente começou por declarar-se “agradavelmente surpreso com este apoio extremamente espontâneo” dos parlamentares ali presentes. Espontâneo? Que dizer dos telefonemas afilhos que alcançaram os convocados a mostrar que o perseguido não está só na hora difícil?

Em seguida, o capo citou sua experiência de causídico para baixar decreto sobre a denúncia do PGR, Rodrigo Janot: “Sei quando a matéria é

substancial, quando tem fundamentos jurídicos e quando não tem (...) Minha preocupação é mínima”. Sabe mesmo? Em 29 de março de 2015, ele escreveu no Twitter que o *impeachment* de Dilma Rousseff “não tem base jurídica e nem política”.

Logo adiante, a galope épico, Temer reclamou do “ataque injurioso, indigno, infamante”, acusando-o de “corrupção passiva a esta altura da vida”. Esqueceu-se da denúncia feita a ele numa Vara de Família, em 1999, de que levava propina no Porto de Santos? O falecido ACM dizia: “Se abrir um inquérito no Porto de Santos, ele ficará péssimo”. E ainda há as delações da Odebrecht a acusá-lo de abençoar em seu próprio escritório, em 2010, uma

tramoia de 40 milhões de dólares na Petrobras e de tomar 10 milhões da empreiteira em 2014.

Mais adiante, disse que não faria “ilações” nem seria “irresponsável” de acusar Janot de levar uma porcentagem da grana a premiar um ex-auxiliar do “xerife”, hoje integrante da banca advocatícia que defende Joesley Batista. Tentativa transparente de mais de ministrar uma desastrada lição de cinismo.

Para Temer, “não há nada mais desagradável, os senhores que têm familiares, do que a sua família estar a todo momento ligando a televisão, ou os jornais, e dizendo que o seu irmão, seu tio, seu pai é corrupto”. Será? Os 2 milhões de brasileiros que perderam o emprego no atual governo os 2,5 milhões que entrarão

MATEUS BONOMI/AGIF/ AFP, BRUNO SANTOS/FOLHAPRESS E LULA MARQUES/AGIF



O homem da mala continua de boca calada, enquanto passa de um cativeiro a outro



Momento edificante do stand up comedy

na miséria este ano, segundo o Banco Mundial, talvez encarem a situação de outro ângulo.

O presidente comentou ter conhecido "o verdadeiro Joesley, o bandido confessou, junto com todos os brasileiros, quando ele revelou os crimes que cometeu ao Ministério Público". O advérbio junto está pesimamente colocado na frase para um cultor da mesóclise, certo seria

juntamente. No mais, sobra o lapso de uma mente combalida. Foi na conversa a sós na calada da noite, no Palácio do Jaburu, que Batista contou a Temer estar "segurando" dois juízes e contava com um procurador "infiltrado" no MP. Crimes revelados, sim, mas ao pé do ouvido de Temer.

O stand up comedian deixou o melhor para o fim do show. Ao dizer que defenderia não apenas

sua honra pessoal, mas também a instituição Presidência, declarou: "Não sei como Deus me colocou aqui". O presidiário Eduardo Cunha sabe. E aquele telhadista que chantageou dona Marcela Temer, também.

O marqueteiro João Santana entendia que a presença de Temer ao lado de Dilma prejudicava a presidente. Explicava: "Ele é satanista".

primeira crítica após enrolar por achar que ajudaria o PT. Maia também foi à Fiesp debater a reforma política, conversou com caciques no plenário quando não havia sessão, recebeu alguns para tomar vinho à noite, fez reuniões com deputados até da oposição sobre agenda positiva de votações. Foi ainda anfitrião de um almoço na terça-feira 27, sobre a crise, a juntar, entre outros, os presidentes do Senado, Eunício Oliveira, do PMDB, e o interino do PSDB, senador Tasso Jereissati. E ali a saída de Temer foi discutida abertamente.

Após o repasto, diz um dos presentes, o deputado paulista Beto Mansur, do PRB, ainda fiel a Temer neste momento crepuscular, reconheceu que a situação do presidente é delicadíssima, mas que não dá para tirá-lo sem antes haver uma saída que o proteja de julgamento por um juiz de primeira instância. Segundo o mesmo comensal, algumas ideias foram examinadas, como uma lei para ex-presidente ser julgado apenas no STF ou ser senador vitalício, o que daria no mesmo. Mas há um abacaxi a ser descascado, disse o pai de Rodrigo Maia, o ex-prefeito do Rio Cesar Maia, no *Globo* de 28 de maio. Quem terá coragem de apresentar a proposta?

Rodrigo está no quinto mandato seguido pelo Rio, sempre pelo mesmo partido, o PFL de antes, o DEM de hoje. Chegou jovem à Câmara, em 1999, com 29 anos, e sua votação só cai desde 2006. Em 2012, tentou a prefeitura carioca, ocupada três vezes pelo pai, e conseguiu míseros 2,9% do eleitorado. Seu ibope é maior na elite local, amante da mistura entre negócios e política, vide a história do ex-governador Sérgio Cabral, recém-condenado a 14 anos de cadeia. Na campanha de 2014, ganhou uma doação de 180 mil reais do bilionário Antônio José de Almeida Carneiro, conhecido na alta roda carioca como "Bode", um *player* das bolsas, sócio do banqueiro Ronaldo



REPORTAGEM DE CAPA

Cezar Coelho, ex-deputado tucano. Na campanha de 2010, teve apoio de Claudio Sobral de Caiado Castro, dono de haras e fundador no estado da associação dos criadores de cavalo manga-larga, morto em 2015. O deputado é sócio do Jockey Club Brasileiro. E chega de bichos.

Maia é neoliberal da gema, apesar de ter deixado a faculdade de economia no meio. Trabalhou em dois bancos antes de virar político. No BMG, em 1990, e no Icatu, de 1993 a 1997. Mais do que explicado por que, em 30 de maio, declarou em um evento empresarial em São Paulo: “A agenda da Câmara, em sintonia com a do presidente Michel Temer, tem como foco o mercado”, é a das “reformas”. Ou por que ele acha que a Justiça do Trabalho “não deveria nem existir”, idem a CLT. Convicções certamente solidificadas com o dinheiro dado por bancos às suas campanhas. Dos 2,3 milhões arrecadados em 2014, 550 mil reais saíram do caixa do ex-patrão BMG, e 50 mil do Itaú.

Granja recebida de empresa custou um inquérito recente contra Maia no STF, por corrupção passiva e lavagem de dinheiro, graças a delações da Odebrecht. O criminoso Benedicto Júnior, o BJ, ex-presidente da empreiteira, diz que o deputado pediu 350 mil reais no eleitoral ano de 2008, embora não fosse candidato, nem o pai. Na contabilidade da Odebrecht, o repasse aparece com as alcunhas de “Botafogo”, o time de Maia, “Déspota”, talvez uma alusão aos modos do deputado no trato com os semelhantes, e “Inca”, referência ao sobrenome dele ou ao fato de ter nascido no Chile. Em 2010, Maia pediu mais 600 mil reais a ele e ao genitor e recebeu 400 mil. A relação com

a família, diz BJ, era de compra de influência. Para a Procuradoria-Geral da República, “os pagamentos feitos ao político têm, sim, caráter de propina”, pois o deputado retribuiu à Odebrecht na votação de uma lei em 2013, ano sem eleição, e mesmo assim recebeu 100 mil. O uso de caixa 2 pela família não é surpresa. No livro *Política É Ciência*, de 1998, Cesar Maia diz que uma campanha cara “choca a população”, daí que os candidatos precisam pedir aos doadores “que eles quebrem o galho, declarem apenas parte da doação efetiva”. A do seu pimpolho custou 2,9 milhões em 2014.

“Botafogo” mandou ler na quinta-feira 29, em plenário, a denúncia contra Temer, ato a formalizar o início do jogo na Câmara. Com base na história da mala de 500 mil reais, o presidente é acusado de corrupção passiva, punível com prisão de 2 a 12 anos. Além de sua condenação, o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, também pede a perda do cargo e uma multa de 10 milhões de reais. “As provas carreadas aos autos”, escreveu o PGR, “são abundantes.” O receptador da mala, Rodrigo

Janot sofreu a vingança do presidente ilegítimo: queria como herdeiro Nicolao Dino e teve de sofrer Raquel Dodge



Rocha Loures, outro denunciado, assessorou Temer no Planalto de 2011 a 2017, foi indicado pelo chefe à Fribri para resolver problemas da empresa no governo e, ao negociar a entrega da propina, citou amigos do presidente. Preso desde 3 de junho, é puro silêncio sobre o destinatário da grana. Já pulou da Polícia Federal para a Papuda, pediu para voltar ao presídio por medo de morrer e agora quer ir de novo à penitenciária. A PF, parece, não lhe deu vida fácil. Um convite a delatar Temer.

Ainda é incerto quando se dará a votação da denúncia na Câmara, as férias marcadas para 18 de julho podem ser canceladas. Os governistas dividem-se entre os que preferem liquidar logo a fatura, tida como delicada, devido à imagem de Loures com a mala, enquanto outros querem esperar as futuras denúncias no forno da PGR e votar tudo junto. Na oposição há quem pense ser melhor resolver logo a primeira denúncia e mais adiante as próximas, mas outros creem que o ideal é não ter pressa e deixar Temer e o Congresso sangrando, de olho na eleição de 2018. O próprio rito da votação será negociado. Repetir o espetáculo ar-

mando por Eduardo Cunha no *impeachment* de Dilma, com sessão dominical, nomes dos deputados ausentes repetidos à exaustão e ao menos 15 segundos para eles usarem o microfone na hora do voto, tudo em nome do constrangimento? “O rito tem de ser igual ao do *impeachment*, já há esse precedente”, defende o líder do oposicionista PSOL, Glauber Braga.

A denúncia nem tinha chegado à Câmara e já havia quem disparasse da tribuna que haverá dinheiro na hora da verdade. Uma desconfiança para

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS E WALEMIR BARRETO/AG. SENADO



Renan Calheiros,
candidato a líder
da oposição

lá de pertinente, diante das descobertas da Operação Lava Jato de que os parlamentares se tornaram mercadores de leis. "Temer vai colocar gente para pagar voto. Quando digo pagar, é nesse sentido mesmo de comprar voto, até porque este é um ano pré-eleitoral e não há mais financiamento privado", disse na terça-feira 27 o deputado Silvio Costa, do PTdoB. "Deputado que faltar no dia e que votar a favor de Temer ou recebeu dinheiro de Temer ou recebeu muito cargo." Rodrigo Maia mandou apagar dos anais da Câmara a expressão "recebeu dinheiro de Temer".

Um deputado do PMDB diz que não votará nem apoiará a reforma da Previdência, caso ela ressuscite, exatamente por achar que gente do governo foi paga por bancos para defendê-la. Negócios com jeito de negociatas correm soltos, enquanto a corrupção domina o noticiário. A Câmara acaba de aprovar uma lei, sancionada por Rodrigo Maia com Temer no exterior, a liberar a venda de um remédio inibidor de apetite desaconselhado pela agência reguladora do

setor, a Anvisa. Os laboratórios estão felicíssimos. A Petrobras faz um saldão de ativos a preço de banana, motivo de ações populares pelo País e de uma denúncia a Janot. Aliás, 40 dias após Joesley pedir a Temer um nome de confiança (Loures) capaz de ajudar a JBS a resolver uma disputa com a Petrobras sobre o preço do gás da estatal, a petroleira selou um contrato com a empresa a atender parte do pleito. A malha de 500 mil reais tem a ver com essa história do gás, a Petrobras até teve de mandar o contrato à PGR. A Eletrobras quer privatizar seis distribuidoras de energia

até o fim do ano, por 2,2 bilhões de reais, e não desistiu nem com a desvalorização potencial dos ativos em meio à crise. Vem aí uma queima de arquivos no setor visto por Janot como berço dos crimes mais sofisticados da Operação Lava Jato.

O procurador-geral estuda mais três denúncias contra Temer, agora que a PF, que está quase em guerra com o governo e parou de emitir passaportes bem às vésperas das férias de julho, terminou a perícia na gravação feita por Joesley no Jaburu. O governo tirou dinheiro da educação para dar à emissão de passaportes. Conclusão da perícia: não houve manipulação. Temer poderá ser acusado em breve de obstrução à Justiça, organização criminosa e prevaricação. As denúncias em série vão constranger deputados dispostos a salvar o presidente, os quais terão de se expor várias vezes. Outra isca de Janot aos deputados: dias atrás, ele fez circular na mídia uma boa-nova para uns 30 enrasados em caixa 2 da Odebrecht. Topa propor,

NA OPOSIÇÃO, HÁ QUEM PENSE QUE O IDEAL É NÃO TER PRESSA, PARA DEIXAR TEMER E O CONGRESSO SANGRANDO, DE OLHO EM 2018



REPORTAGEM DE CAPA

desde que não haja corrupção citada no meio da delação, que o investigado pague uma multa ou preste serviço comunitário, e caso encerrado. Com ficha limpa.

Janot está com ganha de derrubar Temer, para encerrar o mandato em setembro “com chave de ouro”, conforme diz na PGR. Desejava também manter seu grupo no poder e até conseguiu fazer seu preferido, o vice-procurador-geral eleitoral, Nicolao Dino, ganhar no sufoco, na terça-feira 27, o primeiro lugar na lista tríplice. Em vão. Temer quebrou a tradição iniciada em 2003 e não escolheu o primeiro, mas a segunda da lista, a subprocuradora-geral Raquel Dodge, especialista em corrupção, crime organizado e direitos humanos. Outro capítulo do Hospício Brasil: o investigado escolheu seu investigador. Raquel agora é mais devedora de Temer do que da corporação em que ingressou há 30 anos. Dizia-se em Brasília que era a predileta do PMDB, talvez disposta a abafar a Lava Jato. E não se fez de rogada. Foi ao Planalto para reuniões noturnas e secretas e ao gabinete de Gilmar Mendes, juiz do STF que é conselheiro informal de Temer. Informações de *CartaCapital* indicam que o elo de Raquel com o Planalto era o “homem da mala”. Se for aprovada pelo Senado para a PGR, Raquel terá de se esforçar para provar que não protegerá os padrinhos.

Ali no Senado, Temer abriu caminho para a reforma trabalhista ser votada no plenário nos próximos dias, após vitoriosa passagem pela última comissão que a examinaria. Foi um dia animado, com Renan Calheiros a abandonar a liderança do PMDB cheio de críticas ao governo. “Até o papai se posicionou contra as soluções amargas que punem o trabalhador e acentuam as desigualdades.



Também Skaf e Braga se riem do Brasil. O primeiro diz agora que a Fiesp não faz política, o segundo, por enquanto, apoia Temer

Mas como mudar o pensamento de um governo comandado por Eduardo Cunha, que, mesmo na prisão, seguia influenciando e – os fatos demonstram – até recebendo dinheiro? Até recebendo dinheiro! Para ele, Temer deveria ouvir o tucano Fernando Henrique, que acha que a situação do presidente caminha para a de Getúlio, um suicida por ter ficado encurralado. FHC, que quis destruir o legado de Vargas, como Temer faz no caso da CLT, e o ex-presidente Lula demonstram neste momento rara sintonia. Defendem eleições antecipadas para o País começar a sair da crise.

A QUE LEVOU O GOLPE DE 2016: SUMIRAM OS PANELEIROS, OS EMPRESÁRIOS A SUSTENTAR UM GOVERNO EM DECOMPOSIÇÃO, RUAS OCUPADAS POR MOVIMENTOS SOCIAIS. UM PAÍS À MATROCA

Antes da votação final da reforma trabalhista, uma greve convocada por sindicatos para a sexta-feira 30 tentaria influenciar o Senado pela última vez. Improvável que conseguisse. O Congresso só ouve empresários, e estes estão fechados a favor da reforma e com Temer. Vide Robson

Braga de Andrade, líder da Confederação Nacional da Indústria. A CNI pagou publicidade para defender Temer e a reforma em jornais e, na *Folha de S. Paulo* da segunda-feira 26, Braga foi direto: “Todo o empresariado prefere continuar com o presidente Michel Temer. Hoje, a posição é esta: é melhor seguir e fazer a transição no País. Chega de turbulência”. Paulo Skaf, da Fiesp, que liderou marchas de patos amarelos pelo *impeachment* de Dilma Rousseff, agora diz não caber à entidade opinar sobre a saída do presidente.

Apoio empresarial a um governo em decomposição, ruas ocupadas apenas por sindicalistas e movimentos sociais progressistas, nada de paneleiros que protestaram contra Dilma Rousseff. Um quadro em conformidade com o “caráter de classe do golpe contra Dilma”, diz o cientista político Renato Perissinotto, da Universidade Federal do Paraná. “Haverá boa vontade empresarial enquanto Temer for útil às reformas”, comenta o professor, que preside a Associação Brasileira de Ciência Política. Segundo ele, setores da classe média, como MBL e Vem pra Rua, radicalizaram contra um tipo de política social e econômica que lhes desagrada no governo do PT, e nada mais. “Só há uma conclusão possível diante do silêncio de agora: o objetivo não era acabar com a corrupção. Por corrupção, Temer já deveria ter saído, a situação dele é muito mais grave do que a de Dilma.”

Com a palavra, Botafogo e seus comandados. •

MARCOS ISSA